



FORO SOCIAL IBÉRICO PARA A EDUCAÇÃO
FORO SOCIAL IBÉRICO POR LA EDUCACIÓN
FÒRUM SOCIAL IBÈRIC PER L'EDUCACIÓ
BEZUMTZAREN ALDIEN IBERIAR FORO SOCIALA
FORO SOCIAL IBÉRICO POR A FUNDACIÓM
FÒRUM SOCIAL IBÈRIC PARA A EDUCAÇÃO

MESAS DE DIÁLOGOS 2 – 30 de octubre de 2005 - 12 a 14h

SITUACIÓN Y RETOS DE LOS SISTEMAS EDUCATIVOS EN PORTUGAL Y EN EL ESTADO ESPAÑOL:

Rep. estudiantes Portugal; Mario Nogueira (Coordinador do Sindicato de Professores do Centro); Beatriz Quirós (STEs-INTERSINDICAL); Anxo Louzao (CIG); *Moderadora: Alexandra Marques (APEI); Relatora: Blanca Luque (Fòrum Social per l'Educació a Catalunya)*

SITUAÇÃO E DESAFIOS DOS SISTEMAS EDUCATIVOS EM PORTUGAL E EM ESPANHA

Mário Nogueira

Portugal é um país original. Tem das mais elevadas taxas de analfabetismo da União Europeia; tem dos mais elevados índices de abandono escolar precoce; apresenta taxas de insucesso escolar muito para além do que seria admissível; tem uma população activa que sofre de graves problemas de iliteracia para além de baixas qualificações e deficiente formação profissional; mas, apesar de tudo isto, é um país com um número brutal de professores no desemprego: mais de 40 000 quando o número dos que se encontram no activo não atinge os 150 000, ou seja, uma taxa de desemprego que passa os 20%.

Segundo os últimos dados conhecidos, a taxa de abandono escolar precoce em Portugal atinge os 39.4%, valor apenas superado por Malta com 45%. A média comunitária é inferior a 20%.

Na população adulta são menos de 50% os que têm o ensino secundário completo, sendo que 31% da população empregada não tem mais do que os 4 anos de escolaridade correspondentes ao 1º Ciclo do Ensino Básico (antigo ensino primário).

Com um curso de ensino superior temos 9% da população activa, enquanto que a média comunitária é de 23 %. O número de licenciados nos domínios científico e tecnológico é de 8.2 em cada mil habitantes.

Boa parte da nossa população, quase 10% de cerca de 10 milhões, é analfabeta.

E é perante este quadro pouco abonatório que se colocam a Portugal, aos portugueses e ao seu sistema educativo quase todos os reptos, pois há mesmo muito por fazer.

Referindo apenas alguns dos principais desafios, que, na globalidade são uma verdadeira odisséia, escolho os seguintes:



FORO SOCIAL IBÉRICO POLA EDUCACIÓN
FORO SOCIAL IBÉRICO POR LA EDUCACIÓN
FÒRUM SOCIAL IBÈRIC PER L'EDUCACIÓ
BEZUMTZAREN ALDIEN IBERIAR FORO SOCIALA
FORO SOCIAL IBÉRICO POR A EDUCAÇÃO
FÒRUM SOCIAL IBÈRIC PARA A EDUCAÇÃO

- a obrigatoriedade de frequência da Educação Pré-Escolar para as crianças de 5 anos, ou seja, no ano anterior à sua entrada na escola;
- o reordenamento programado da rede escolar do 1º Ciclo do Ensino Básico, uma profunda requalificação das escolas e a introdução de alterações ao regime de docência com a criação de equipas educativas;
- uma verdadeira reorganização curricular para o ensino básico e a tomada de medidas para que o alargamento da escolaridade obrigatória para 12 anos seja uma realidade e não leve ao aumento das taxas de abandono escolar;
- o aumento substancial da população jovem que frequenta o ensino superior;
- a promoção de medidas eficazes de combate ao abandono escolar e de promoção do sucesso escolar e educativo;
- um combate sério ao analfabetismo;
- uma grande aposta na formação profissional e na qualificação dos recursos humanos; na Escola Pública como a única capaz de responder positivamente a todos estes desafios.
- uma aposta inequívoca

E pergunto, depois que enumerei alguns dos principais desafios: pode um país como Portugal, com tanto por fazer em matéria de Educação, dispensar 40 000 professores, na maioria jovens altamente qualificados que se perdem pelas caixas dos supermercados ou pelos balcões dos centros comerciais onde, inclusivamente, são obrigados a esconder a sua formação para conseguirem um emprego precário e mal pago? Claro que não pode dispensar estes professores e é uma vergonha que o faça e que sucessivos governos, em especial o actual, tenham tomado medidas com o único intuito, por vezes declarado, de reduzir o número de professores no sistema. A actual ministra da Educação gabava-se há dias em entrevista de ter este ano deixado de fora das contratações mais 7000 professores do que no ano passado. É lamentável esta satisfação da ministra!

Muitos dos problemas educativos portugueses, contudo, não são responsabilidade da escola, são essencialmente sociais que, naturalmente se reflectem na escola e aí se fazem sentir com extrema intensidade. Num país com grandes desequilíbrios e uma profunda injustiça social não se pode considerar a escola como a mãe de todos os problemas, sendo ela também vítima de políticas e políticos que não resolvem os mais graves problemas da sociedade portuguesa, principalmente os que afectam os trabalhadores e os grupos sociais mais desprotegidos.



FORUM SOCIAL IBÈRICU POLA EDUCACIÒN
FORO SOCIAL IBÈRICU POR LA EDUCACIÒN
FÒRUM SOCIAL IBÈRICU PER L'EDUCACIÒ
BEZUMTZAREN ALDEHU IBERIAR FORO SOZIALA
FORO SOCIAL IBÈRICU POR A EDUCACIÒN
FÒRUM SOCIAL IBÈRICU PARA A EDUCACIÃO

Senão vejamos, segundo dados recentes divulgados pela OCDE e UNESCO, dois milhões e trezentos mil portugueses (portanto, cerca de um quarto da nossa população) vivem no limiar da pobreza. Mais de 200 000 passam fome diariamente. As consequências desta situação são muito visíveis nas crianças, com uma em cada seis, ou seja 15%, isto é cerca de 320 000 a viver na pobreza. A um progressivo alargamento das bolsas de pobreza e de exclusão não é alheio o desemprego que atinge proporções muito preocupantes, tendo aumentado mais de 60% nos últimos 4 anos, assim como os baixos salários e as baixas pensões de reforma: o salário mínimo nacional é de 374.70 euros e cerca de 1 100 000 reformados vivem com uma pensão inferior a 300 euros.

É neste quadro que se torna urgente um efectivo combate à pobreza, a criação de condições de estabilidade laboral invertendo a actual situação de grande precariedade que atinge um significativo número de trabalhadores e a valorização real dos salários e das pensões de reforma.

Estes objectivos só se tornarão viáveis se as políticas nacionais se orientarem para o combate aos grandes desequilíbrios sociais e económicos que temos, sendo em Portugal que se encontra o maior fosso da U.E. entre o grupo dos 10% mais ricos e o dos 10% mais pobres; um país onde a concentração da riqueza num pequeno grupo de famílias é cada vez maior e onde o capital financeiro alcança chorudos lucros que contrastam com a desvalorização dos salários dos trabalhadores por conta de outrém; um país com uma forte economia paralela onde a fraude e a fuga fiscal se dão bem e encontram até um habitat adequado, por exemplo, no *off-shore* da Região Autónoma da Madeira. Dessa ímpar situação fiscal resultam graves prejuízos para o Estado que, para compensar falhas nas receitas decide cortes sucessivos na despesa, com forte impacto nos salários que se degradam e na qualidade dos serviços públicos que se perde.

A política do actual governo orienta-se num sentido que não resolve estes problemas, pelo contrário aprofunda-os com a tomada de medidas que os anteriores governos constituídos pelos partidos da direita parlamentar, por falta de sustentação e apoio político e social, não ousaram tomar.

No que respeita à escola, à qualidade da Educação e aos professores, o actual governo tem-se destacado por, em pouco mais de meio ano, mover um ataque desenfreado, quase selvagem, sem regras nem precedentes, aos professores.

Os professores são tidos como alvos a abater e o seu estatuto de carreira e profissional, que levou anos a aprovar, tendo-o sido num contexto político muito desfavorável, com a direita no poder e com maioria absoluta, mas fruto de uma intensa luta reivindicativa, é diariamente vilipendiado, com os professores a verem abastardadas as suas funções, sendo ainda vítimas de campanha ignóbeis junto da opinião pública com o intuito de denegrir a sua imagem social e profissional.

Atacados na sua profissionalidade, sentindo estar em curso a liquidação de aspectos essenciais da função docente, proletarizado o exercício da profissão docente, os professores reagem e lutam exigindo uma profissão valorizada, dignificada e respeitada.



FORUM SOCIAL IBÈRICU POLA EDUCACIÒN
FORO SOCIAL IBÈRICU POR LA EDUCACIÒN
FÒRUM SOCIAL IBÈRICU PER L'EDUCACIÒ
BEZUMTZAREN ALDEHU IBERIAR FORO SOCIALA
FORO SOCIAL IBÈRICU POR A EDUCACIÒN
FÒRUM SOCIAL IBÈRICU PARA A EDUCACIÃO

Abate-se sobre a classe docente o drama do desemprego, mas também os da instabilidade laboral e da desvalorização profissional, material e social.

Este ataque aos professores com a aprovação de medidas muito negativas, que criam graves focos de instabilidade, tem sido acompanhado por um autêntico bombardeamento público, com mensagens agressivas que contrariam todas as recomendações internacionais que referem a importância das palavras de apoio e incentivo devidos aos professores. Como salienta Isabel Baptista, em artigo recente “Em Outubro de 2005, no dia concebido para festejar e aplaudir o seu trabalho, os professores portugueses foram obrigados a sair à rua para mostrar a sua indignação e o seu descontentamento. Os professores portugueses sentem a sua profissão em risco, socialmente desqualificada e ameaçada de proletarização por decisões que, na verdade, ignoram a riqueza, a singularidade, a complexidade que fazem de cada “tempo de escola” um tempo precioso de vida, de aprendizagem e de experiência humana”.

Também no ensino superior os tempos são de grande preocupação no que respeita à situação dos professores. Mais de 70% vivem situações laborais muito instáveis de precariedade extrema e o actual ministro da tutela pura e simplesmente ignora os problemas dos docentes e age como se tudo estivesse bem resolvido. Por isso nada faz, não se ouve, não se vê parecendo que o ensino superior está sem ministro.

Os professores são um bem precioso em Educação. É verdade que não há escola sem alunos, mas só há alunos se houver professores. Por isso, não existe escola sem professores, não haverá ensino de qualidade sem professores bem formados, com situações laborais e profissionais estáveis e respeitados na sua dignidade profissional, motivados para que se empenhem o mais possível

Mas a escola e o ensino em Portugal, a qualificação e a melhor formação dos portugueses, os exigentes desafios com que nos confrontamos em matéria de Educação não se esgotam na resolução dos problemas dos professores, apesar desse ser um aspecto importantíssimo. Há muito, mas muito mais para fazer.

É preciso democratizar a escola; aumentar e, em muitos casos, criar condições para que as oportunidades sejam, de facto, semelhantes entre todos os alunos através da implementação de mecanismos de discriminação positiva; definir uma rede escolar coerente em estreita colaboração com as comunidades educativas, redefinindo os territórios educativos que, em alguns casos, resultam de soluções administrativas impostas pelo aparelho central do Ministério da Educação; há que descentralizar competências; não apenas responsabilidades, mas também condições, nomeadamente ao nível dos recursos, é necessário que as instâncias regionais da administração educativa se democratizem e sejam, também elas, níveis de participação e decisão. Por fim, os municípios que não podem continuar a ser organismos a que se atribuem ossos duros de roer, tendo de dar a cara por situações para as quais não têm condições de resposta efectiva.

Os professores portugueses, sozinhos ou aliados a outros parceiros educativos, em defesa da Escola Democrática têm ainda sabido resistir às inúmeras e muito fortes



FORO SOCIAL IBÉRICO PELA EDUCAÇÃO
FORO SOCIAL IBÉRICO POR LA EDUCACIÓN
FÒRUM SOCIAL IBÈRIC PER L'EDUCACIÓ
BEZUMTZAREN ALDIHC IBERIAR FORO SOZIALA
FORO SOCIAL IBÉRICO POU A FUNDACIÃO
FÒRUM SOCIAL IBÈRICU PARA A EDUCAÇÃO

tentativas de entregar a gestão das escolas a gestores profissionais solução defendida por gente, como um ex-ministro da Educação que afirmava não ser possível ter professores a gerir professores porque o professor é para ensinar e o gestor é que é para gerir. Ora, os problemas da Educação não são técnicos, são essencialmente políticos e de política educativa. São necessárias melhores políticas, mais investimento, mais participação, mais democracia na escola. Nesse sentido, a FENPROF assenta as suas posições sobre a direcção e gestão das escolas em três vectores essenciais: democraticidade; separação e colegialidade entre direcção e gestão; prevalência de critérios pedagógicos sobre critérios administrativos.

No que respeita à democratização do Ensino há também um aspecto que surge e ganha importância: a Acção Social Escolar devendo, através dela, estabelecerem-se regras de verdadeira discriminação positiva dos mais carenciados.

É necessário que a rede de educação pré-escolar garanta a gratuidade já prevista na lei. No ensino básico é necessário garantir a gratuidade de frequência principalmente intervindo nos custos dos manuais escolares, que são muito elevados. Quanto ao ensino secundário é necessário contrariar o grande abandono que resulta do facto um nível de ensino cada vez mais elitizado com boa parte dos jovens, cerca de um terço, a abandonar a escola antes de o iniciar e a entrar precocemente no mercado de trabalho sem a formação e a qualificação adequadas. Por fim o ensino superior, cada vez mais dispendioso para as famílias, com propinas muito elevadas que subiram quase 200% nos últimos três anos, continuando a ser reservado a uma faixa estreita e bem identificada de jovens.

Uma preocupação última para a FENPROF é a garantia que deve ser dada a toda a população de acesso a programas de educação e formação ao longo da vida, nomeadamente, dada a situação concreta do nosso país, ao designado ensino recorrente. Esta será uma via de superação de problemas que são causa maior das baixas qualificações da nossa população, realidade que tem graves e profundas consequências no desenvolvimento do país. Esta situação que continua a persistir no início deste milénio e mais de 30 anos após a Revolução de Abril, constitui um sério obstáculo à implementação, em Portugal, de um modelo de desenvolvimento baseado em trabalho qualificado e bem remunerado.

O combate a todas as situações descritas não se faz com palavras ou com simples manifestações de intenções, mas com medidas concretas que obrigariam a um investimento significativo. Um investimento que não tem existido e que para 2006, já se conhecendo a proposta de Orçamento de Estado para 2006, continuará por fazer.

É precisamente devido à falta de investimento que o governo tem vindo a aprovar medidas sem que estejam garantidas as condições indispensáveis, designadamente ao nível dos recursos, à sua plena e boa concretização.

E, assim, surgem as respostas sociais no 1º Ciclo do Ensino Básico à custa do trabalho acrescido dos professores; os programas de ensino de Inglês, e apenas Inglês, nos 3º e 4º anos de escolaridade e de alargamento do serviço de refeições no 1º Ciclo



FORO SOCIAL IBÉRICO POLA EDUCACIÓN
FORO SOCIAL IBÉRICO POR LA EDUCACIÓN
FÒRUM SOCIAL IBÈRIC PER L'EDUCACIÓ
BEZBUNTZAREN ALDIEN IBERIKAR FORO SOZIALA
FORO SOCIAL IBÉRICO POR A EDUCAÇÃO
FÓRUM SOCIAL IBÉRICO PARA A EDUCAÇÃO

que se concretizam pela via da privatização nos casos que são lucrativos ou, entao, entregues aos municípios quando obrigam a grandes despesas e a intervenção de cariz social.

Diz-se no nosso país que sem ovos não se fazem omeletas. Dir-se-ia aqui que não se fazem tortillas. Transferindo o dito popular para a Educação, direi que sem condições e recursos não se conseguem tomar as medidas adequadas e com a qualidade indispensável. É esse um dos maiores problemas do nosso país: o discurso demagógico dos governantes não responde às necessidades e carências que são inúmeras, podendo Portugal estar a pôr em causa o seu futuro com a política educativa de um governo que se afirma à esquerda, mas desenvolve políticas e toma decisões que nem a direita teve coragem de tomar.

No entanto, todos nós, professores, estudantes, funcionários nao docentes, pais e, de uma forma geral, toda a sociedade portuguesa, saberemos trabalhar e lutar por uma melhor Educação, porque estamos certos que outra Educação é necessária para que efectivamente outro Mundo – mais justo e mais solidário – seja possível.